

Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | *severinofrancisco.df@dabr.com.br*

Manoel e Rosa

No final da década de 1990, soube que o poeta Manoel de Barros estava em Brasília, numa exposição no Congresso Nacional. Peguei um gravador e fui lá para entrevistá-lo. Ele me recebeu de maneira muito cordial, com os olhos faiscantes de menino que aprontou alguma. No entanto, negou a entrevista ao vivo, de maneira delicadamente firme: "Entrevista, só por escrito. E aviso que a resposta pode demorar".

Seis meses depois, quando havia me esquecido do encontro, recebo uma carta dos Correios com a letra desenhada de Manoel de Barros e as respostas à entrevista. Ao ler as respostas, compreendi, imediatamente, o sentido do que parecia ser mero capricho. Manoel insistiu em conversar por escrito, porque queria transformar a entrevista em um acontecimento poético: "Só as coisas pequenas me celestam", escreveu em uma resposta e, logo em seguida, o trecho apareceu em um dos poemas publicados em livro.

Manoel teve um memorável encontro com Guimarães Rosa no Pantanal, evocado na revista brasiliense *Bric a Brac*, editada por Luis Turiba e João Borges (sim, aquele mesmo que era comentarista de economia da GloboNews). Manoel é uma espécie de Guimarães Rosa lúdico da poesia; e Rosa é uma espécie de Manoel de Barros trágico da prosa. Os dois gênios têm muitas afinidades.

De maneira semelhante ao que ocorreu com a minha entrevista, o pantaneiro transformou a conversa com Rosa em um acontecimento poético. "Havia o caramujo perto de uma árvore. Rosa disse: 'Habemos lesma, Manoel'. Eu disse: 'Caramujo é que ajuda árvore crescer'. Ele riu. Relvas cresciam nas palavras e na terra. Rosa escutava as coisas. Escutava o luar."

Em seguida, Rosa teria perguntado: "E como é o homem aqui, Manoel?" E Manoel replicou nervoso: "O homem se completa com os bichos — eu disse — com os seus marandovás e com as suas águas. Esse ermo cria motucas. Aqui é brejo, boi e cerrado. E anta que assobia sem barba e sem banheiro". Rosa quis saber também o nome de árvores: "Aqui sabemos é por instinto e por apalpos. Não é como o senhor faz com as palavras".

Mas, no livro *Retrato do artista enquanto coisa*, Manoel transformou o diálogo imaginário em verso de poesia: "Levei Rosa na beira dos pássaros que fica no meio da Ilha Linguística./Rosa gostava muito de frases em que entrassem pássaros./E fez uma na hora:/A tarde está verde no olho das garças./E completou com Job:/Sabedoria se tira das coisas que não existem./A tarde no olho das garças não existia/mas era a fonte do ser. Era poesia./Era o néctar do ser".

Adiante, Manuel prossegue em narrativa fragmentada: "Rosa gostava muito do corpo fônico das palavras./Veja a palavra bunda, Manoel/Ela tem um bonito corpo fônico além do propriamente./Apresentei-lhe a palavra gravanha./Por instinto linguístico achou que gravanha/seria um lugar entrançado de espinhos e bem/emprenhado de filhos de gravatá por baixo. /E era." Manoel escreveu que se não fosse a poesia todos nós seríamos robôs. E seríamos.



À Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), advogados de defesa de Fernando de Sousa Oliveira apresentaram um memorial alegando que "boletins" enviados ao governador Ibaneis eram repassados por meio de informações vindas da PMDF

Pouco contingente na Esplanada

» PABLO GIOVANNI

Rinaldo Morelli/CLDF



Fernando de Souza era o secretário-executivo da Secretaria de Segurança durante os atos terroristas

Os representantes do ex-secretário-executivo da Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP-DF) Fernando de Sousa Oliveira enviaram, à Câmara Legislativa (CLDF), um memorial com informações e conversas pelo WhatsApp do ex-número 2, nos momentos que antecederam os atos golpistas de 8 de janeiro. O documento mostra que Fernando só soube que o então secretário Anderson Torres viajaria para os Estados Unidos em 5 de janeiro. Ele também apresentou mensagens trocadas em um grupo relatando que a Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) empregaria um efetivo de 600 policiais.

Os advogados de Fernando, que também é delegado federal, citam no documento enviado à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Atos Antidemocráticos que ele não era secretário titular da pasta no dia 8, destinando, assim, a responsabilidade da falta de comando da SSP a Anderson Torres. "Note-se que nos dias 7 e 8 de janeiro o peticionante se reporta constantemente ao ex-secretário Anderson Torres, por meio de mensagens e áudios, sobre o andamento da operação, o que demostra que, apesar de estar em viagem, o mesmo estava no comando da secretaria", diz trecho do memorial.

No documento, os representantes do delegado reforçam que Fernando foi incluído em dois grupos de WhatsApp após assumir a função de secretário-executivo: "Perímetros de segurança" e "Difusão, que participavam integrantes da segurança, como Anderson Torres; o então comandante-geral da PMDF, Fábio Augusto Vieira; oficiais e praças da PMDF; delegados e agentes da PCDF; policiais legislativos e judiciais; e agentes da Polícia Rodoviária Federal (PRF). Em troca de mensagens em um desses grupos, integrantes da PMDF repassaram dados relatando tranquilidade na Esplanada no dia 8.

"A informação que tenho é que está tranquilo até agora", diz o coronel Marcelo Casimiro Vasconcelos Rodrigues, ex-comandante do 1º Comando de Policiamento Regional (1º CPR), às 3h01. "Temos um bom efetivo na Esplanada desde às 7h e vai aumentando no decorrer da manhã e do dia", reiterou o oficial, já na manhã do dia 8. Vídeos e fotos de monitoramento por meio de câmeras de segurança também foram anexadas pelos oficiais da PM. Em um deles, às 12h53, a Esplanada estava ocupada por bolsonaristas, mas em uma quantidade bem menor.

Próximos depoimentos

Dia 9: ex-secretário Anderson Torres e ex-subsecretária Marília Ferreira Alencar

Dia 16: coronéis Jorge Eduardo Naime e Marcelo Casimiro Vasconcelos Rodrigues

Dia 23: ex-secretário Júlio Danilo e o tenente-coronel Jorge Henrique da Silva Pinto

Dia 30: ex-comandante e coronel Fábio Augusto Vieira

Já em uma troca de mensagens pelo privado com a subsecretária de Operações Integradas, coronel Cintia Queiroz, Fernando cobra relatório da "última parcial" para ele enviar ao governador, na noite de 7 de janeiro. Às 5h49, de 8 de janeiro, a oficial encaminha uma mensagem informando a chegada de 87 ônibus com manifestantes, além do número das placas. Pouco depois, a coronel detalha a Fernando que haverá um grande efetivo. "A PMDF empregará um efetivo de 600 policiais militares, temos ainda o efetivo do DETRAN, CBMDF, DER, DFLEGAL", relata.

No diálogo com a coronel Cintia, ela detalha que a tendência é que o acampamento de bolsonaristas aumente, "com a anuência do Exército". "Doutor, o efetivo a ser empregado pela PMDF está maior que o costumamos empregar", sinalizou. De acordo com Fernando, essas mensagens eram repassadas ao governador Ibaneis Rocha (MDB) por meio de relatórios que ele encaminhava em áudios.

Após o boletim enviado ao governador, ainda na manhã do dia 8, novas mensagens sobre o monitoramento da Esplanada foram reproduzidas no grupo. No memorial, mostra que integrantes da segurança pública relatam que a situação era tranquila na parte da manhã, e que haveria uma caminhada pacífica de manifestantes para a Esplanada por volta das 13h de 8 de janeiro e, mesmo com manifestantes no gramado central, a situação era tranquila. Essa manifestação, segundo a defesa do delegado federal, era "previsto no planejamento" do Protocolo de Ações Integradas (PAI).

Contingente

"Em termos práticos, as mensagens, fotos e vídeos apontavam para uma baixa movimentação de pessoas na Esplanada, com um grupo alocado próximo à Praça das Bandeiras, sendo que o contingente maior de pessoas estava descendo o eixo monumental acompanhado pela PMDF", alegam os representantes do ex-secretário-executivo.

Essas mensagens teriam embasado o polêmico áudio enviado a Ibaneis sobre a situação da Esplanada, às 13h23. "Salientese que o rompimento das barreiras de contenção do Congresso Nacional, se deu por volta das 14h50, ou seja, 1h30 após o envio do áudio ao governador, o que afasta eventual narrativa de conivência ou omissão quanto à conduta do peticionante (Fernando)", afirmam os advogados. "O que se percebe claramente, por meio das imagens, é um erro de execução no planejamento tático operacional da PMDF com um subdimensionamento de efetivo e tropas especializadas no teatro operacional, aliado a uma aparente passividade de alguns policiais, que não exerceram suas funções de conter e reestabelecer a ordem", garantiram os advogados.

Após esse episódio, a defesa do ex-secretário não anexou informações sobre o diálogo durante e após os atos golpistas. "O memorial disponibilizado pelo Fernando servirá como suporte na oitiva da coronel Cíntia. Ele tem muito a explicar sobre o dia 8. Aquela primeira barreira de contenção não tinha nem 20 policiais. Dá para deduzir, então, que não havia 600 policiais na segurança do 8 de janeiro", disse Chico Vigilante (PT).

"Ele (o memorial) vai ser importante para o relatório final. Fica claro que o secretário Anderson Torres tratou com descaso o dia 8. Ele queria coordenar de lá dos Estados Unidos e, com o memorial, também dá para apurar definitivamente sobre a omissão (de Torres)", completou o presidente da CPI. O **Correio** também procurou a PMDF sobre qual foi o quantitativo disponibilizado pela corporação, mas não teve resposta.

COVID-19

Vacinação para os mais de 60 anos

» AMANDA SALES

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Cecília Monteiro: "Podem oferecer mais mil campanhas dessas"

O Distrito Federal iniciou a imunização de pessoas acima de 60 anos com a vacina bivalente da Pfizer contra a covid-19. Mais de 84 unidades básicas de saúde disponibilizam as doses, a aplicação foi permitida somente para pessoas que tomaram a última dose de reforço ou da segunda dose a cerca de quatro meses.

Quem não perdeu tempo para se vacinar foi o casal aposentado, Cecília Monteiro, 64 anos, e Carlos Monteiro, 62, que se vacinaram na UBS 2 do Cruzeiro, por volta das 16h de ontem, e deixaram claro que, para eles, vacina é sinônimo de esperança. "Com a demora na entrega dessas vacinas, nós quase morremos, agora podem oferecer mais mil campanhas dessas que iremos vir tomar. Não duvidamos da vacina, afinal é comum a dose de reforço", disse Cecília. "Nós nascemos tomando vacina, nunca a questionamos e vamos morrer tomando vacina também. É uma vitoria mais uma dose", reforçou Carlos, o morador do Sudoeste.

O geólogo Eduardo Henrique Roesner, 61, também estava na fila e relatou ao **Correio** que foi vítima da variante delta da covid-19 após sua terceira dose. Segundo ele, a doença deixou diversas sequelas, como cansaço e dores articulares. Para ele, a vacina é a resposta. "Ela é fundamental ainda mais depois desse período de apreensão e com tanta gente que perdemos. Eu mesmo perdi vários amigos. Para mim, vacinar é uma vitória, finalmente consegui finalizar meu calendário vacinal, então só de estar aqui, vivo e respondendo ao **Correio**, é uma prova de todos somos vitoriosos", destacou.

"Essas imunizações precisam ser cada vez mais divulgadas, no início, as pessoas tinham receio das doses da covid-19, mas creio que esse medo tem que diminuir. E essa dose que vou tomar tem uma carga de proteção muito maior do que a primeira que tomei e por isso que é tão importante eu voltar e manter as imunizações em dia. Nesses próximos quatro anos serão novos tempo, a vacina deve voltar a ser a regra", reforçou Eduardo.

Na UBS, o **Correio** se deparou com um fluxo médio de vacinantes e em sua maioria usavam máscaras, como pede o protocolo da Secretaria de Saúde do DF. A psicopedagoga Fátima Aleixo, 67, afirmou que apesar da obrigatoriedade ter sido revogada, ela continua fazendo o uso da máscara para alguns lugares como mercado e hospital. "Estou sempre me protegendo", diz.

QR Code: confira os locais de vacinação para todas as doses no DF

Calendário

Para ela, finalizar o calendário é uma maneira de dar exemplo para os filho e netos. "Eu estou me cuidando, sabe? Não vou deixar de tomar nenhuma vacina. Assim que abriu para a minha idade, eu vim correndo logo no primeiro dia".

Mara Costa, 61, conta que tem sentimentos opostos toda vez que vacina. Se sente feliz por estar protegida, mas que carrega uma tristeza: a mãe de 90 anos não aceitou tomar a vacina. "Infelizmente, ela acreditou em algumas coisas que terceiros falaram para ela e se recusou a tomar. Para mim, essa vacina é um benção e foi feita para nossa vida. A vacina nos deu um respiro que precisávamos", destaca.

Além da nova faixa etária, pessoas em instituições de longa permanência a partir de 12 anos, trabalhadores dessas instituições, imunocomprometidos, comunidades indígenas, ribeirinhas e quilombolas estão aptos a receber a dose do imunizante. Para se vacinar, é necessário levar documento de identificação e, se possível, o cartão de vacina com registro das doses já recebidas.